

O PODER DAS PLANTAS MEDICINAIS: UMA ANÁLISE HISTÓRICA E CONTEMPORÂNEA SOBRE A FITOTERAPIA NA VISÃO DE IDOSAS

THE POWER OF MEDICINAL PLANTS: A HISTORICAL AND
CONTEMPORARY ANALYSIS ON PHYTOTHERAPY IN THE VISION OF
ELDERLY

Martin Dharlle Oliveira Santana

Universidade Estadual do Tocantins - Unitins
mdharlle@gmail.com

Jennyfer Soares de Sá

Universidade Estadual do Tocantins - Unitins
jennyfersoaresdesa@gmail.com

Adriano Figueredo Neves

Universidade Estadual do Tocantins - Unitins
adrianoazinha@hotmail.com

Priscila Gonçalves Jacinto Figueredo

Universidade Estadual do Tocantins - Unitins
pris.fly2@hotmail.com

Janayna Araújo Viana

Universidade Estadual do Tocantins - Unitins
janaynavi@gmail.com

RESUMO: A fitoterapia é a arte de prevenir e curar doenças através da utilização de práticas naturais, principalmente por plantas com caráter medicinal. A grande maioria das pessoas adotam esse método por acreditarem em todo um contexto histórico criado desde seus antepassados até os dias atuais, contexto esse de que algumas plantas possuem características medicinais e que podem curar as enfermidades objetivadas. Esta pesquisa, teve como objetivo principal, analisar o desenvolvimento histórico do uso das plantas medicinais para a obtenção de cura frente a enfermidades, complementando com um conjunto de apontamentos referentes ao porquê da utilização dessa prática. A natureza desse objeto é formada por preceitos metodológicos com abordagem qualitativa, envolvendo um sistema de pesquisa-ação, na qual, realizou-se uma construção temporal da evolução das práticas que envolvem as plantas medicinais, complementando com a opinião das participantes a respeito do uso dessa atividade histórica. A pesquisa foi realizada no Centro de Referência de Assistência Social – CRAS do município de Augustinópolis, estado do Tocantins, Brasil, aplicando-se o formulário para 50 idosas. Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa - CEP da Unitins, número: 2.158.032. Após a análise dos dados baseada em torno da seguinte indagativa: As senhoras acreditam no poder de cura das plantas medicinais? As principais categorias que emergiram de forma livre e

espontânea. Portanto, nota-se que a cultura do uso de plantas medicinais está presente no cotidiano dessas idosas, muitas obtiveram o conhecimento dessa prática através de seus antepassados, de geração em geração.

PALAVRAS-CHAVE: Idosas, História, Plantas medicinais.

ABSTRACT: Phytotherapy is the art of preventing and curing diseases through the use of natural practices, mainly by medicinal plants. The great majority of people adopt this method because they believe in a whole historical context created from their ancestors until the present day, context that some plants have medicinal characteristics and that can cure the objectified diseases. The main objective of this research was to analyze the historical development of the use of medicinal plants in order to obtain cure against diseases, complementing with a set of notes regarding the use of this practice. The nature of this object is formed by methodological precepts with a qualitative approach, involving a research-action system, in which a temporal construction of the evolution of practices involving medicinal plants was carried out, complementing the opinion of the participants regarding the use of this historical activity. The research was carried out in the Reference Center of Social Assistance - CRAS of the city of Augustinópolis, state of Tocantins, Brazil, applying the form for 50 elderly women. Approved by the Research Ethics Committee - CEP of Unitins, number: 2.158.032. After analyzing the data based around the following question: Do ladies believe in the healing power of medicinal plants? The main categories that emerged freely and spontaneously. Therefore, it is noted that the culture of the use of medicinal plants is present in the daily life of these elderly women, many obtained the knowledge of this practice through their ancestors from generation to generation.

Keywords: Elderly, History, Medicinal plants.

INTRODUÇÃO

As pessoas ao redor do mundo, por meio do uso autônomo e de seus curadores, acabaram acumulando experiências e conhecimentos a respeito das plantas medicinais, na qual sempre estiveram presente mostrando sua grande importância na cultura, medicina e alimentação em um contexto geral (ANTONIO; TESSER; MORETTI-PIRES, 2013).

A fitoterapia é a arte de prevenir e curar doenças através da utilização de práticas naturais, principalmente por plantas com caráter medicinal, para uma parte da população que opta por esses métodos curativos, objetiva-se o menor custo para a utilização, o risco diminui para uma toxicidade em decorrência do uso de medicamentos industrializados e proporciona além do mais, a continuação dessa cultura empírica pela população. A grande maioria das pessoas adotam esse método por acreditarem em todo um contexto histórico criado desde seus antepassados até os dias atuais, contexto esse de que algumas plantas possuem características medicinais e que podem curar as enfermidades objetivadas.

Nota-se o desenvolvimento da fitoterapia através dos tipos de motivações e influências que ela passa, como o aumento da necessidade de recursos terapêuticos, com o resgate cultural das pessoas, desenvolvimento social,

biodiversidade e educação popular (ANTONIO; TESSER; MORETTI-PIRES, 2013). A utilização das plantas medicinais, quando possível, deve ser acompanhada por profissionais capazes de transmitir orientações pertinentes para os usuários, pois o seu uso é realizado de maneira empírica e a falta de informação pode gerar algumas complicações. Não é pelo fato de ser uma planta que não fará mal, devido ao uso ser realizado às vezes, de formas diversas e às vezes incorretas, pode provocar problemas sérios e irreversíveis.

Esta pesquisa, teve como objetivo principal, analisar o desenvolvimento histórico do uso das plantas medicinais para a obtenção de cura frente a enfermidades, complementando com um conjunto de apontamentos referentes ao porquê da utilização dessa prática nos contextos vividos atualmente.

REVISÃO DE LITERATURA

Plantas medicinais: aspectos históricos

Na história, a humanidade faz uso de plantas há muito tempo. Para descobrir a utilidade de cada planta, o homem percorreu uma sábia e intensa jornada desde sua pré-história utilizando a intuição e analogia para ampliar seus conhecimentos.

Uma das primeiras formas de utilização de plantas medicinais vem da China, onde os imperadores utilizavam o ginseng para tratar de patologias de modo empírico (DUARTE, 2006) essa raiz se disseminou através do tempo, formando uma tradição continental milenar em algo do cotidiano de várias pessoas pelo mundo a fora devido suas propriedades medicinais.

Os primeiros imigrantes trouxeram para as Américas mudas e sementes de ervas preferidas, como o confrei (*Symphytum officinale*), a aquiléia (*Achillea millefolium*) e a camomila (*Matricaria recutita*), que logo floresceram juntas às ervas nativas (MATA, 2009).

Plantas medicinais e a sua história no Brasil

Segundo Braga (2011), no Brasil, as plantas medicinais foram e ainda são utilizadas pelos índios em seus rituais de cura e adoração, quando o pajé, invocando e se utilizando de diversas ervas “cura” os doentes. A utilização de plantas medicinais em terras brasileiras pelos índios se associou ao

conhecimento trazido pelos colonizadores europeus, fazendo com que ocorresse o surgimento e futuro desenvolvimento da fitoterapia (BRAGA, 2011). “Quando os portugueses chegaram ao Brasil, encontraram índios que usavam urucum (*Bixa orellana*) para pintar e proteger o corpo das picadas de insetos e também para tingir seus objetos cerâmicos” (BREVE, 2008, p. 01).

A contribuição dos escravos africanos com a tradição do uso de plantas medicinais, em nosso país, se deu por meio das plantas que trouxeram consigo que eram utilizadas em rituais religiosos e também por suas propriedades farmacológicas, empiricamente descobertas (TOMAZZONI; NEGRELLE; CENTA, 2006). “Ainda hoje nas regiões mais pobres do país e até mesmo nas grandes cidades brasileiras, plantas medicinais são comercializadas em feiras livres, mercados populares e encontradas em quintais residenciais” (MACIEL *et al.*, 2002, p. 429). Com essas práticas, pode se definir que é importante o conhecimento em torno das plantas medicinais, como suas propriedades, características peculiares e modo de utilização para alcançar os efeitos desejados.

A evolução das plantas medicinais: do conhecimento popular para o conhecimento científico e sua importância para a saúde pública

Para Mata (2009), através dos longos períodos de tempo se nota o aumento da quantidade de pessoas que adotam plantas medicinais como uma alternativa para tratamento de uma alguma enfermidade ou prevenção de doenças, principalmente aquelas pessoas que não tem acesso aos medicamentos industrializados devido ao alto custo, ou a falta de atendimento médico para uma resolução alternativa.

Provavelmente a observação das plantas de forma peculiar pode ter desenvolvido o interesse por suas propriedades, como o poder de se regenerar, modificações durante as estações decorrentes do ano entre outras características que contribuíram assim na utilização dessas plantas medicinais em rituais de cura, nesse tempo, as plantas que eles acreditavam que tinham poder curativo eram consagradas em categoria de divindade pelo fato do estágio

alucinógeno que algumas proporcionavam onde existia a sensação que o homem estaria mais próximo de Deus (BRAGA, 2011).

Na Idade Média, em relatos históricos, a Igreja Católica proibia os atos científicos fazendo com o estudo das plantas parasse no tempo, ações realizadas por ela como a morte na fogueira de “bruxas”, porém, eram pessoas normais que utilizavam o poder curativo das plantas medicinais para tratar de doenças diversas que acometiam a elas e também quem as procurassem.

“Por ser um conhecimento mantido, principalmente, por meio da tradição oral e por conta da pouca informação comprovada sobre os efeitos benéficos e maléficos de plantas medicinais, tem-se que nem sempre é observada pela população sua forma de utilização” (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2007, p. 94). Entretanto, atualmente há estudos sobre a comprovação científica de algumas plantas, na qual é observado que devido ao baixo poder aquisitivo ou outros motivos, o conhecimento sobre plantas medicinais simboliza muitas vezes o único recurso terapêutico de muitas comunidades e grupos étnicos.

Apesar das pesquisas científicas que visam à validação do uso de plantas serem recentes, as práticas populares relacionadas ao seu são o que muitas comunidades têm como alternativa viável para o tratamento de doenças ou manutenção da saúde (PINTO; AMOROZO; FURLAN, 2006).

Segundo Oliveira; Araújo (2007), já se têm noção de que o uso indiscriminado de plantas medicinais *in natura* ou de seus derivados pode trazer riscos a saúde, devido à presença de toxinas ou mau uso delas, contrapondo o consenso popular que afirma “se é natural, é bom; se não fizer bem, mal não fará”. De acordo com Tomazzoni, Negrelle; Centa (2006), as plantas medicinais para uma comunidade representam fator importante para a manutenção das condições de saúde, sendo também parte de um saber local preservado e utilizado, ou seja, de sua cultura e costumes.

Na “medicina tradicional” essa prática tem sido reconhecida como um pilar essencial nos cuidados primários de saúde, sendo que sua principal contribuição tem sido com referência à descoberta de plantas medicinais (TOMAZZONI; NEGRELLE; CENTA, 2006). Os altos índices de consumo de remédios caseiros a base de plantas medicinais, caracteriza-se por ser uma realidade conhecida não só pela indústria farmacêutica, mas também para o poder público. Sendo

que algumas prefeituras de capitais e de municípios do interior estão distribuindo gratuitamente estes medicamentos para a população nos postos de saúde (SCHOLL, 2012).

Percebe-se o interesse governamental e profissional nos dias atuais em associar o avanço tecnológico ao conhecimento popular e ao desenvolvimento sustentável visando a uma política de assistência em saúde eficaz, abrangente, humanizada, sem distinção de raça, condição econômica, gênero, opção sexual e principalmente independente da tecnologia farmacêutica (FRANÇA *et al.*, 2008). Para Scholl (2012) esses estudos com plantas na medicina alternativa têm merecido cada vez maior atenção, devido às sucessivas informações e esclarecimentos que fornecem à ciência, pois esses procedimentos com plantas medicinais de forma empírica e muitas vezes imprudente podem provocar uma série de problemas como toxicidade decorrentes de algumas plantas.

Fitoterapia

Observando a biodiversidade no mundo, podemos citar um constituinte muito importante que são as plantas medicinais, utilizadas tradicionalmente até hoje pela sociedade no preparo de remédios caseiros, visando que eles são fontes de matéria prima na fabricação de fitoterápicos e alguns medicamentos industrializados (LEÃO; FERREIRA; JARDIM, 2007).

As plantas medicinais e os fitoterápicos estão entre os principais recursos terapêuticos da Medicina Complementar e Alternativa e vêm sendo utilizados há muito tempo pela população brasileira nos seus cuidados com a saúde (BRASIL, 2012). “A fitoterapia permite que o ser humano se reconecte com o ambiente, acessando o poder da natureza, para ajudar o organismo a normalizar funções fisiológicas prejudicadas restaurar a imunidade enfraquecida, promover a desintoxicação e o rejuvenescimento” (FRANÇA *et al.*, 2008, p. 202).

Segundo o Ministério da Saúde a fitoterapia permanece presente em todas as antigas e atuais civilizações, e desempenha papel proeminente na manutenção da saúde dos povos não somente como recurso terapêutico, como também por coexistir com crenças, valores e necessidades da humanidade (BRASIL, 2012). A fitoterapia evoluiu e se sofisticou: “O conhecimento sobre o poder curativo das plantas não pode mais ser considerado apenas como tradição

passada de pais para filhos, mas como ciência que vem sendo estudada, aperfeiçoada e aplicada por diversas culturas população” (TOMAZZONI; NEGRELLE; CENTA, 2006, p. 118).

Segundo o Ministério da Saúde (2009), aumento das variedades terapêuticas ofertadas às pessoas que usam o Sistema Único de Saúde - SUS, onde existe a garantia de acesso às plantas medicinais e fitoterápicos, com segurança, eficácia e qualidade, nos níveis diferenciados de complexidade desse próprio sistema, com foco na atenção básica, por meio de ações de prevenção de doenças e de promoção e recuperação da saúde caracterizada como uma importante estratégia, com vistas à melhoria da atenção à saúde da população e à inclusão social.

Encontra-se hoje em dia a formulação e implementação de políticas públicas, programas e legislação com foco na valoração e valorização das plantas medicinais e seus subprodutos nos cuidados primários com a saúde e sua introdução na rede pública, assim como a ampliação da cadeia produtiva de plantas medicinais e fitoterápicos (RODRIGUES; SANTOS; AMARAL, 2006).

Com todo conhecimento empírico sobre as plantas medicinais, a fitoterapia vem evoluindo e se modernizando fazendo com que o poder de cura dessas plantas passa a ser considerada uma ciência estudada periodicamente deixando de lado a caracterização de que é somente uma tradição passada de geração em geração (TOMAZZONI; NEGRELLE; CENTA, 2006).

Fitoterapia popular

Através das gerações, as pessoas carregam para si os conhecimentos de seus antepassados, um dos mais observados é o das plantas medicinais, que nossas mães e avós sempre apresentam alguma forma de tratar ou prevenir determinada patologia com essas práticas. Para o Ministério da Saúde (2012, p. 55), “todo território ou unidade de saúde pode identificar com facilidade, aquelas pessoas que detém conhecimentos familiares quanto aos tratamentos com plantas medicinais e alguns de seus derivados caseiros”.

Fitoterapia tradicional

A fitoterapia tradicional é aquela que integra as práticas de sistemas complexos ou racionalidades, tais como a medicina tradicional chinesa, América do Sul, as medicinas tradicionais indígenas e afros americanas, entre outras. No Brasil alguns sistemas de saúde cresceram de fato na cultura urbana dos países latino-americanos a partir das últimas décadas, já que as racionalidades efetivamente aborígenes daqui (e do continente americano como um todo) seriam a medicina tradicional indígena – xamânica ou não xamânica – e a medicina afro-americana, onde cada um apresenta seus sistemas de cura, compreensões de vida e adoecimento, maior ou menor grau de devoção subentendida (LUZ, 2005).

De acordo com o Ministério da Saúde (2012), a fitoterapia tradicional mantém uma saudável ligação com a fitoterapia popular onde figuradamente uma se encaixa na outra, principalmente em nosso país onde as culturas se uniram formando uma nova. Alguns estudos são realizados frequentemente em relação à eficácia e toxicidade das plantas medicinais e seus derivados levando o crescimento dessa cultura para o mundo a fora.

Fitoterapia ocidental

Segundo Batello (2012), a fitoterapia é extremamente científica, porque basta se reportar a disciplina farmacologia nos bancos da faculdade, para se lembrar de que as imensas maiorias das farmácias de síntese tiveram a sua origem nas plantas.

O Ministério da Saúde diz que o estudo integrado do emprego clínico de plantas medicinais e fitoterápicas para finalidades terapêuticas, diagnósticas ou profiláticas, com base em dados e evidências científicas, mesmo que se partindo inicialmente de conhecimentos populares e tradicionais. Para um fitoterápico ser registrado é necessário seguir uma legislação onde as boas práticas de todo o processamento das plantas são reguladas, seguindo desde o cultivo até a comercialização dos produtos e analisando o tripé: eficácia, segurança e qualidade (BRASIL, 2012).

De acordo com Guimarães (2007) a concepção mais aceita de medicamentos fitoterápicos ocorre pelos processos tecnológicos adequados, utilizando exclusivamente matérias primas vegetais, com intuito de promover a

profilaxia, a cura, processo paliativo ou diagnosticar.

Caracterizando-se pelo conhecimento do potencial e dos próprios riscos à saúde.

METODOLOGIA

A natureza desse objeto é formada por preceitos metodológicos com abordagem qualitativa, envolvendo um sistema de pesquisa-ação, na qual, realizou-se uma construção temporal da evolução das práticas que envolvem as plantas medicinais, complementando com a opinião das participantes a respeito do uso dessa atividade histórica. De acordo com Fachin (2006), uma pesquisa com abordagem qualitativa é marcada não somente pelos aspectos mensuráveis, mas também é necessária uma definição descritiva do que se apresenta. Com essas variáveis qualitativas se observa que esse método não é utilizado números para a sua formulação.

Assim, “Para uma abordagem qualitativa se ajusta melhor na investigação de grupos e segmentos delimitados e focalizados, de histórias sociais sob a visão dos atores, de relações e para análises de discursos e de documentos” (MINAYO, 2014, p. 57).

A pesquisa foi realizada no Centro de Referência de Assistência Social – CRAS do município de Augustinópolis, estado do Tocantins, Brasil. Para a realização desse estudo científico, foi necessária à entrevista por meio da aplicação de um formulário com todas as idosas e de acordo com as informações oferecidas pela equipe multiprofissional o grupo de idosos é composto por um quantitativo aproximado de 100 indivíduos cadastrados no CRAS. Desses 100 idosos se tem uma média de 60 idosos do sexo feminino. A partir, dessas 60 idosas se aplicou o formulário para 50 idosas, por estas se adequarem aos critérios de inclusão e exclusão da pesquisa.

Para a realização do recolhimento dos dados da pesquisa, foram utilizados formulários que de acordo com Gil (2007) pode ser definido como a técnica de coleta de dados em que o pesquisador formula questões previamente elaboradas e anota as respostas. O entrevistador fica frente a frente com o entrevistado, formando um diálogo mais dinâmico e produtivo.

A escolha pelo formulário se deu pela oportunidade que esse tipo de instrumento favorece aos pesquisadores do estudo, ou seja, será feito um diálogo e/ou uma conversa onde as idosas poderão discorrer e/ou falar livremente sua resposta enquanto os pesquisadores irão fazer o registro nos formulários.

Os pesquisadores tomaram todas as medidas necessárias para que nenhuma das idosas envolvidas sofra qualquer malefício durante as etapas de realização dessa pesquisa. Caso ocorresse alguma eventualidade que colocasse em riscos o grupo pesquisado, elas seriam encaminhadas para o sistema público de saúde.

Ressaltou-se que após os resultados finais, os pesquisadores fizeram uma apresentação dos dados obtidos para o grupo de idosos e para a equipe multiprofissional atuante no CRAS do Município de Augustinópolis-TO. Todas as envolvidas na pesquisa foram respeitadas perante sua integridade física, mental social e espiritual. Visto que os dados que foram oferecidos pelas idosas pesquisadas fizeram para título de conhecimento acadêmico. Além disso, os participantes da pesquisa poderão a qualquer momento requerer o seu direito de indenização, caso desejarem e/ou acharem necessário.

A pesquisa foi autorizada a se iniciar após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa - CEP da Unitins e estando de posse do parecer consubstanciado aprovado regido pelo número: 2.158.032, na qual foi obtida a aprovação na data de 05 de julho de 2017.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a análise dos dados baseada em torno da seguinte indagativa: As senhoras acreditam no poder de cura das plantas medicinais? As principais categorias que emergiram de forma livre e espontânea foram as seguintes:

Acreditam na cura através das plantas medicinais

Quando questionadas sobre acreditarem no poder de cura das plantas medicinais, majoritariamente, as idosas responderam “sim” e destacam que as plantas podem curar desde uma simples gripe até outros males e doenças conforme afirmam os relatos seguintes:

Idosa 3: “Porque elas curam as pessoas”.

Idosa 6: “Acredito, muito mais que nos remédios de farmácia”.

Idosa 7: “Acredito, porque a medicina é feita das plantas”.

Idosa 21: “Muitas pessoas usam e acabam falando, a gente usa e melhora, então acredito nas plantas medicinais”.

Idosa 26: “Acredito porque quando eu uso as plantas eu sempre melhora e as pessoas que usam também sempre melhoram”.

Idosa 29: “Podem curar sim, alguns problemas como febre, gripe e tosse”.

Idosa 30: “Sim, elas ajudam a curar muitos males e doenças”.

Idosa 43: “Acredito nas plantas sim, elas curam a muito tempo e até hoje eu uso e ainda vamos usar por muito tempo”.

Idosa 45: “Porque sim, as plantas curam muitas doenças”.

Idosa 47: “Mas com toda certeza desse mundo, as plantas foram feitas para curar as doenças do mundo todo”.

Idosa 48: “Acredito sim que elas curam”.

Idosa 50: “Sim, toda a certeza do mundo, elas curam mesmo”.

Sobre a crença popular na qual as plantas medicinais estão inseridas, Medeiros (2001) relata que, apesar de não aconselhadas, algumas técnicas populares de saúde permanecem a fazer parte do cotidiano de mães no cuidado de seus filhos porque estão reguladas na experiência, no experimento e na análise do sucesso de sua legitimação diante de problemas de saúde. Além disso, os estudos de Cunha *et al.* (2010) evidenciaram que as plantas medicinais possuem grande importância terapêutica e têm características reconhecidas de cura, prevenção, diagnóstico ou tratamento de sintomas de doenças.

Por conseguinte, desde tempos remotos, as sociedades humanas adquirem conhecimentos e experiências sobre o lugar que as cerca, para com ele interatuar e prover suas necessidades de sobrevivência. Dentre tantas práticas propagadas pela cultura popular, as plantas continuamente apresentaram essencial relevância, por vários motivos, sendo destacadas as suas potencialidades terapêuticas aplicadas ao longo das gerações (BADKE *et al.*, 2011).

Família

O ciclo familiar possui uma importância estabelecida em se tratando de plantas medicinais e sua utilização. Por essa razão, comumente o uso de tais plantas é uma ponte do conhecimento empírico para algum integrante da família. Partindo desse pressuposto, as afirmações destacam:

Idosa 2: *“Porque as plantas sempre curaram as doenças que tive e da minha família também”*

Idosa 10: *“Acredito nas plantas porque já curei meus filhos e já curei filhos dos outros com elas.”*

Idosa 44: *“As plantas ajudam minha família a muito tempo.”*

Neste contexto, as famílias de condições socioeconômicas desvantajosas, pelos seus problemas de acesso aos serviços formais de saúde, são movidas a empregar com muita constância as opções populares na busca de soluções para a doença. Embora tenham muitas práticas alternativas nos cuidados de saúde, o uso de plantas medicinais é um método tradicional nas famílias, e a maior parte dos utilizadores as cultiva nos próprios quintais de sua casa (SILVA, 1996; ISERHARD *et al.*, 2009).

Conforme Ceolin *et al.* (2011), a família é a fundamental fonte na transferência do conhecimento em relação às plantas medicinais. Em seus achados, a maioria revelou primeiro realizar o tratamento com as plantas medicinais para depois procurar o serviço formal de saúde. A edificação do conhecimento conexo às plantas medicinais pelas famílias é majoritariamente oral, alcançada por meio da convivência do dia a dia entre seus membros e compartilhada com os demais membros da comunidade na qual estão inclusos.

O Conhecimento Hereditário

Idosa 11: *“Sim, porque elas são boas para curar doenças, desde quando eu era pequena*

Idosa 27: *“Acredito sim, porque eu usei, meus filhos e netos usam também e acabam se curando.”*

Idosa 31: *“Acredito sim, as plantas curam a muito tempo desde meus avós.”*

Idosa 38: *“Acredito porque meus pais e avós se curavam com elas até hoje uso.”*

Idosa 40: *“Sempre acreditei, porque meus avós faziam para a minha mãe e assim para os seus filhos,*

A pesquisa assinala a relevância do conhecimento adquirido por familiares com o passar do tempo, dados que assemelham se aos achados de Oliveira; Menini Neto (2012), ao destacarem em seus estudos que o aprendizado sobre plantas medicinais ocorreu em 68%, dentre 41 entrevistados através de pessoas mais velhas da família. Este fato foi comumente observado pelos autores Oliveira; Araújo (2007) que não somente concluíram que familiares são

elos importantes neste contexto, como acrescentam em suas pesquisas os amigos, vizinhos e até mesmo os profissionais da saúde como: enfermeiros, médicos e agentes de saúde.

Desde modo, o uso de plantas medicinais foi e ainda é difundida durante muitos anos, tornando essa temática um fator cultural muito forte na vida de muitas pessoas, principalmente na família. O conhecimento passado de geração em geração demonstra que a influência sobre o uso de tais plantas é ensinada, na grande maioria das vezes por familiares (BALBINOT; VELASQUEZ; DÜSMAN, 2013).

Tem que saber usar

Este tópico esboça com clareza e até mesmo serve de alerta para desmistificar o uso sem precedentes das plantas, visto que as mesmas por diversas razões, que por sua vez, são desconhecidas para muitos usuários, podem causar males a saúde se usadas sem parcimônia. Neste contexto duas idosas afirmam:

Idosa 5: “*Sim, acredito sim, elas curam as pessoas se usarem de forma correta.*”
Idosa 46: “*Para algumas doenças as plantas ajudam, mas para outras não, tem que saber usar.*”

Acredita-se que esse cuidado obtido por meio de plantas medicinais seja conveniente à saúde humana, desde que o usuário tenha informações prévias de sua utilidade, riscos e benefícios (BADKE *et al.*, 2011).

Em vista disso, o uso milenar de plantas medicinais revelou ao decorrer dos anos, que algumas plantas possuem propriedades altamente perigosas. Algumas pesquisas possuem comprovações semelhantes, pois mostram que muitas dessas plantas possuem elementos maléficis e, por esse motivo, devem ser utilizadas com prudência, considerando seus riscos toxicológicos. Deste modo, os efeitos mais preocupantes do uso inapropriado de plantas medicinais são: o embriotóxico, o teratogênico e o abortivos, uma vez, que as substâncias da planta podem atravessar a placenta, chegar ao feto e provocar um desses efeitos (RODRIGUES *et al.*, 2011; BOCHNER *et al.*, 2012).

Assim, cuidados específicos precisam ser respeitados desde a colheita, secagem, armazenamento e preparo das plantas medicinais, com o objetivo de que seus efeitos benéficos sejam alcançados (ANVISA, 2010).

Farmácia - Industrialização

As idosas citaram o uso das plantas medicinais como forma segura de tratamento, apesar de alguma maneira, verem os fármacos alopáticos como uma forma de auxílio farmacológico ao tratamento. Por conseguinte, estas afirmativas entram em consonância com as falas das entrevistadas a seguir:

Idosa 4: *“Sim, acredito. Antigamente só tinham as plantas, mas agora tem os remédios de farmácias que ajudam também.”*

Idosa 16: *“Acredito porque fazemos muitos remédios e acreditamos neles, as vezes mais que os das farmácias.”*

Idosa 20: *“Cura sim, porque eu sei que os remédios das farmácias são feito das plantas.”*

Idosa 41: *“Sim acredito, as plantas não atrapalham, se os remédios de farmácia ajudam algumas vezes, as plantas medicinais também vão ajudar.”*

No Brasil, mesmo com o estímulo da indústria farmacêutica para a emprego de medicamentos industrializados, a maior parte da população ainda faz uso de práticas complementares para cuidar da saúde, como o uso das plantas medicinais, utilizadas para suavizar ou mesmo curar algumas enfermidades (ALVIM *et al.*, 2004; BADKE *et al.*, 2011).

Em vista disso, as medicações alopáticas podem ser associadas aos fitoterápicos, por meio de acompanhamento de um profissional da área de saúde. Vale ressaltar que as mesmas podem potencializar os efeitos de alguns medicamentos alopáticos (ARNOUS.; SANTOS; BEINNER, 2005).

Meios de comunicação

Meios de Comunicação estão entre as ferramentas fundamentais de uma estratégia efetiva de comércio. Em vista disso, os mesmos corroboram ao impulsionar variados tipos de conteúdo, produtos e assuntos de interesse para milhares de pessoas em qualquer lugar do Brasil e do mundo. No tocante a este aspecto, uma idosa relatou:

Idosa 13: *“Curam sim, algumas plantas que curam passam na televisão”.*

Em suas pesquisas, Badke *et al.* (2011) constatou que além do acesso a este tipo de informação ser difundida por afinidades familiares e de vizinhança, existem também, estudos científicos sobre as plantas apresentados a população através dos meios de comunicação, como jornais, revistas, rádio e televisão. Assim, notou que alguns entrevistados de sua pesquisa tinham interesse pelo estudo e aprimoramento do conhecimento sobre as finalidades terapêuticas dos vegetais. Estes tinham revistas, livros e cadernos de anotações referentes aos ensinamentos sobre o uso das plantas medicinais, publicados na mídia e em outras fontes.

Essas informações entram em concordância com os achados de França *et al.* (2007) ao destacar que o alcance de informações sobre plantas medicinais e fitoterápicos foram transmitidas através de comerciais veiculados em televisão e, também, por meio de documentários. A Internet e literatura especializada foram mencionadas, assim como, comerciais ligados a jornais, revistas e pesquisa em livros conhecidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, nota-se que a cultura do uso de plantas medicinais está presente no cotidiano dessas idosas, muitas obtiveram o conhecimento dessa prática através de seus antepassados, de geração em geração. Em decorrência da fitoterapia está presente no cotidiano dessas idosas, verifica-se necessário que haja uma potencialização do conhecimento delas em torno dessa prática, mostrando as várias formas de obtenção de cura indo além daquelas que elas conhecem.

A flora brasileira é rica em plantas que possuem valores medicinais, na qual pode tratar e prevenir vários males. Portanto, a arte de usar as plantas medicinais e fitoterápicos se encontra presente no cotidiano das pessoas, mesmo ocorrendo o avanço científico dos medicamentos farmacêuticos industrializados, essa prática é primordial para a manutenção da saúde, atingindo assim todos as classes sociais, porém, faz-se necessário que haja o conhecimento científico para que o uso das plantas seja de forma segura e não indiscriminado.

É de grande valor colocar as vivências de idosos, principalmente os das mulheres na construção do conhecimento sobre as plantas medicinais e suas variadas formas de utilização. Nota-se assim, que o conhecimento empírico se equipara na importância quanto ao conhecimento científico, embora sejam conceitos dicotômicos, ambos quando utilizados lado a lado se completam e fortalecem a fitoterapia em saúde.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA (ANVISA). **Resolução N° 10, de 9 de março de 2010.** Dispõe sobre a notificação de drogas vegetais junto à Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) e dá outras providências.

ARNOUS, A.H.; SANTOS, A.S.; BEINNER, R.P.C. **Plantas medicinais de uso caseiro - conhecimento popular e interesse por cultivo comunitário.** Revista Espaço para a Saúde, Londrina, v.6, n.2, p.1-6, jun.2005.

BADKE, R. et al. Plantas medicinais: o saber sustentado na prática do cotidiano popular. Escola Anna Nery Revista de Enfermagem, vol. 15, núm. 1, janeiro-março, 2011, pp. 132-139

BALBINOT, S.; VELASQUEZ, P.G.; DÜSMAN, E. Reconhecimento e uso de plantas medicinais pelos idosos do Município de Marmeleiro – Paraná. Rev. Bras. Pl. Med., Campinas, v.15, n.4, supl.I, p.632-638, 2013.

BATELLO, C. 1950. **Iridologia e Iridiagnose: o que os olhos podem revelar.** 3. ed. [reimpr.]. Santo André, SP. Ed. do autor, 2012.

BOCHNER, R. et al. Problemas associados ao uso de plantas medicinais comercializadas no Mercado de Madureira, município do Rio de Janeiro, Brasil. Revista Brasileira de Plantas Medicinais, v.14, n.3, p.537- 547, 2012.

BRAGA, C.de M.. **Histórico da utilização de Plantas Medicinais.** Brasília, 2011.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. **Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos.** Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos. – Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Práticas integrativas e complementares: plantas medicinais e fitoterapia na Atenção Básica.** Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2012. 156 p.

BREVE HISTÓRIA DAS ERVAS [2008]. Disponível em <users.matrix.com.br/mariabene/breve_historia_das_ervas.htm>. Acesso em 09.10.2016.

CEOLIN, T. *et al.* **Plantas medicinais: transmissão do conhecimento nas famílias de agricultores de base ecológica no Sul do RS.** Revista Escola de Enfermagem USP; v.45, n.1 p.47-54, 2011.

CUNHA, A.M. et al. **Hypoglycemic activity of dried extracts of Bauhinia forficata.** Link. Journal Phytomedicine, v.17, n.1, p.37-41, 2010.

DUARTE, M.C.T. **Atividade antimicrobiana de plantas medicinais e aromáticas utilizadas no Brasil.** Revista Multi Ciência, n. 7, 2006.

FRANÇA, A.C.M. et al. **Avaliação do Conhecimento sobre as Plantas Medicinais entre os Estudantes do Unileste, MG.** Revista Brasileira de Biociências, Porto Alegre, v. 5, supl. 1, p. 399-401, jul. 2007

FRANÇA, I.S.X. et al. **Medicina popular: benefícios e malefícios das plantas medicinais.** Rev Bras Enferm, Brasília 2008 mar-abr; 61(2): 201-8.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GUIMARÃES, E. C. B. T. **Desenvolvimento e validação de metodologia analítica para o controle químico da qualidade de fitoterápicos à base de extrato seco de alcachofra.** Rio de Janeiro: INCQS / FIOCRUZ, 2007.

ISERHARD, A. R. M et al. **Práticas culturais de cuidados de mulheres mães de recém-nascidos de risco do sul do Brasil.** Escola Anna Nery Revista Enfermagem jan-mar; v13 n.1 p.: 116-122, 2009.

LEÃO, R.B.A.; FERREIRA, M.R.C.; JARDIM, M.A.G. **Levantamento de plantas de uso terapêutico no município de Santa Bárbara do Pará, Estado do Pará, Brasil.** Revista Brasileira de Farmácia, v. 88, n. 1, p. 21-25, 2007.

LUZ, MT. **Cultura contemporânea e medicinas alternativas: novos paradigmas em saúde no fim do século XX.** Physis [online], v. 15, supl., p. 145-176, 2005.

MATA, N. D. S. da. **Participação da mulher Wajãpi no uso tradicional de plantas Medicinais.** Macapá: UNIFAP, 2009.

MACIEL, M. A. M. et al. **Plantas medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares.** Quim. Nova, Vol. 25, No. 3, 429-438, 2002.

MEDEIROS, L.C.M. **As plantas medicinais e a enfermagem: a arte de assistir, de curar, de cuidar e de transformar os saberes [tese de doutorado].** Rio de Janeiro (RJ): Escola de Enfermagem Anna Nery/ UFRJ; 2001.

OLIVEIRA, C.J.; ARAÚJO, T.L. **Plantas medicinais: usos e crenças de idosos portadores de hipertensão arterial.** Revista Eletrônica de Enfermagem, v. 9, n. 1, p. 93- 105, 2007.

OLIVEIRA, E.R.; MENINI NETO, L. **Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pelos moradores do povoado de Manejo, Lima Duarte – MG.** Revista Brasileira de Plantas Medicinais, v.14, n.2, p.311-320, 2012.

PINTO, E.P.P.; AMOROZO, M.C.M.; FURLAN, A. **Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica – Itacaré, BA, Brasil.** Acta Bot. Bras. 2006. 20(4): 751-762.

RODRIGUES, A.G.; SANTOS, M.G.; AMARAL, A.C.F. **Políticas Públicas em Plantas Medicinais e Fitoterápicos.** In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. A fitoterapia no SUS e o Programa de Pesquisa de Plantas Medicinais da Central de Medicamentos. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 148 p.

RODRIGUES, H.G. et al. **Efeito embriotóxico, teratogênico e abortivo de plantas medicinais.** Revista Brasileira de Plantas Medicinais, v.13, n.3, p.359-366, 2011.

SCHOLL, A.L. **Conhecimento popular sobre o uso de plantas medicinais.** Caxias do Sul, 2012.

SILVA, Y.F. **Família e redes sociais: o uso das práticas populares no processo saúde e doença.** In: **Silva YF, Froenço MC.** Saúde e doença: uma abordagem cultural da enfermagem. Florianópolis (SC): Papa Livro;. p.75–93, 1996.

TOMAZZONI, M.I.; NEGRELLE, R.R.B.; CENTA, M.L. **Fitoterapia Popular: A Busca Instrumental Enquanto Prática Terapêutica.** Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2006.

Recebido em 22 de setembro de 2018.

Aceito em 30 de setembro de 2018.